

ALBERTO FARIA, UM FILÓLOGO DIFERENTE

Evanildo Bechara (UERJ, ABF e ABL)

Resumo: A contribuição filológica do acadêmico Alberto Faria, mais conhecido por sua atuação como folclorista. Análise de seu trabalho e depoimentos de seus contemporâneos. As obras *Aérides* e *Acendalhas* no contexto dos estudos filológicos e os planos de republicação de ambas.

Palavras-chave: filologia, literatura, memória acadêmica

Resumo: The philologic contribution of Alberto Faria, member of Academia Brasileira de Letras, best known for his work as folklorist. Analysis of his works and words of his contemporaries. The works *Aérides* e *Acendalhas* in the context of the philologic studies and the intentions of their publishing.

Key-words: philology, literature, academic memory.

Na galeria dos filólogos que integraram o corpo efetivo da nossa Academia, Alberto Faria foi um filólogo diferente. Sua atuação não se caracterizou exclusivamente pelos estudos do comportamento funcional das estruturas gramaticais do idioma, nem da história material e cultural das palavras, nem dos traços pertinentes que acompanham a evolução da língua latina na persistência de suas continuações românicas, revelada ou na docilidade das filhas mais próximas como a italiana, a portuguesa e a espanhola ou no afastamento das mais rebeldes como a francesa, mas todas reflexos vivos e indeléveis dessa unidade maior chamada latinidade. Todavia, todo este caudal da erudição lingüística dominava-o Alberto Faria e era utilizado por ele quando necessário para justificar, na sua pesquisa, a informação elucidadora das afinidades estabelecidas entre textos literários, entre propostas de tradução, entre história de palavras, de frases feitas, de provérbios ou ditos populares.

Por isso, torna-se análise menor o emparedá-lo nos estreitos limites do folclorista, impedindo de vê-lo e classificá-lo como filólogo, desenvolvendo suas pesquisas nos domínios amplos e variados por que a Filologia realmente se desdobra no programa dos seus fundadores, como se podem comprovar no sumário das suas obras enciclopédicas mais recentes, devidas a Gustav Koerting e Gustavo Groeber, ambas intituladas *Grundriss der romanischen Philologie*.

Nem o confrade que o recebeu nesta Casa, Mário de Alencar, nem o confrade que lhe sucedeu na Cadeira nº 18, Luís Carlos, penetraram na essência do seu erudito fazer filológico, apresentando-o apenas como folclorista. No seu discurso, excelente em outros aspectos, Mario de Alencar poderia ter batido na tecla certa da atividade maior de Alberto Faria, se dissesse do filólogo o que disse, em mais de um lugar, do folclorista, como nessa feliz passagem:

(...) eu já vos conheci no suave trabalho de jardinagem. Pouco vos ocupais de botânica, que as classificações são para os museus; interessam-vos as plantas na sua realidade concreta, e as flores, no seu viço, na sua cor, na sua forma e no seu perfume. Flores de todo clima, e tempo, mas particularmente as flores agrestes e escondidas, porque o descobri-las vos dá prazer. E saís à procura delas; se achais algumas desfolhadas, não vos fatiga a pesquisa das pétalas até recompordes a flor; refeito o cálice, reponde-lo no seu pecíolo, na sua haste, e a haste no ramo e o ramo no tronco.

A análise mais pertinente feita à obra inicial de Alberto Faria, que se pode estender a toda a sua produção posterior, dada a permanência dos temas nela tratados, é devida a João Ribeiro, em artigo publicado no jornal *Imparcial* de 24 de junho de 1918, e recolhido por Múcio Leão no volume IV das *Obras – Crítica*, edição da ABL, 1959, p. 28-31, dedicado a críticos e ensaístas.

Nele nosso polígrafo saúda o aparecimento do livro *Aérides* e, pelo peso de uma amizade intelectual de largos anos, e de recíprocas afinidades, tece percucientes comentários sobre a erudi-

ção de Alberto Faria e assinala com todas as letras sua condição de filólogo no amplo campo de atividades desse gênero de estudos:

No que me diz respeito a mim próprio, as *Aérides* trazem-me agradáveis recordações. “Anche io” professei o mesmo culto desse autor querido e ainda sinto os estímulos de sua palavra grave e afetuosa, que me ensina tantas coisas.

Faz pouco tempo, eu não conhecia ainda do autor das *Aérides* a sua pessoa amável, lhana, singela e sem artifício. E assim a imaginava. Conhecia, sim, os seus trabalhos esparsos, aqui e ali, nas folhas volantes e efêmeras da imprensa; e onde quer que os havia, buscava-os com insofrida avidez. E nesses excursos nunca voltei de mãos vazias. Ele não era e nem é dos que escrevem sem desejo de uma comunicação útil; e jamais procurava no tinteiro ou no teto o tema dos seus escritos. Demais, eu sentia outras aproximações que me grangeavam perpétua vigilância. Suas preocupações literárias, biográficas, lingüísticas e a sua assiduidade e amor pelo folclore eram outras garras tentaculares, que me prendiam à sua simpatia. Hoje, as *Aérides* vão despertar, fora do círculo de admiradores e amigos, a mesma ternura e acolhida (págs. 31-32).

Para, do ponto de vista técnico, enquadrar Alberto Faria como filólogo, vale a pena dar a palavra a dois dos mais conspícuos representantes desses estudos nos passos iniciais da disciplina em Portugal; queremos-nos referir a José Leite de Vasconcelos e a Francisco Adolfo Coelho. Ensina-nos o primeiro:

Filologia chamam os alemães ao estudo: 1) da Glotologia [isto é, do estudo lingüístico]; 2) da Métrica; 3) da História da literatura. (...) A Literatura popular (Romanceiro, Adagiário, Novelística), que costuma incluir-se na Etnologia, pode, quando considerada nos seus elementos formativos e na sua técnica, entrar na Filologia. Por outro lado a Literatura culta, ou Literatura propriamente dita, cujo estudo entra de direito na Filologia, pode, quando se considera manifestação típica da vida de um povo, entrar na Etnologia. (*Lições de Filologia Portuguesa*, 2ª ed., 1926, p. 8)

Eis agora os comentários de Adolfo Coelho:

Por *Filologia portuguesa* deve pois entender-se o estudo dos monumentos literários da língua portuguesa de todos os pontos de vista. Exemplifiquemos. O estudo filológico dos Cancioneiros da Ajuda, do Vaticano, Brancuti, que nos conservam composições dos poetas portugueses do século XIII e XIV tem de compreender principalmente as seguintes partes: 1) O estudo da língua, sem o qual é impossível compreender essas composições, e que só pode fazer-se bem com a comparação dos outros monumentos e documentos portugueses do mesmo período, com a comparação do latim, das outras línguas neolatinas, e ainda doutras línguas de que então havia elementos no português; 2) o estudo da métrica, que exige também uma base comparativa importante (formas métricas populares latinas e das outras línguas neolatinas e especialmente das provençais etc; 3) estudo das alusões históricas; 4) estudo dos autores das composições etc; das particularidades biográficas que sobre eles podemos colher, já nos cancioneiros, já nos documentos diversos do mesmo período ou posteriores; 5) estudo das relações dos cancioneiros com a poesia popular portuguesa, com a poesia provençal, 6) história dos manuscritos; 7) determinação da autenticidade das composições, que poderiam ser atribuídas a autores da época dos Cancioneiros, sendo, aliás, obras de falsários mais recentes; 8) restituição dos textos a uma forma tão próxima quanto possível da original, tendo por base principalmente os fatos da língua e da métrica; 9) determinação do valor literário e histórico desses monumentos. (*A Língua Portuguesa – I, Noções de Glotologia Geral e Especial Portuguesa*, 3ª edição, Porto, 1896, p. 11-2)

E mais adiante, particularmente sobre o folclore:

O folclore é, como facilmente se vê, um ramo da filologia - a filologia aplicada aos produtos intelectuais do espírito humano que não se acham fixados pela escrita. (id., *ibid.*, p. 13)

Ora, se percorremos os 41 temas do sumário de *Aérides*, subtintulados *Literatura e Folclore* (Rio de Janeiro, 1918) facilmente evidenciaremos que Alberto Faria tocou em vários aspectos da atividade do filólogo descritos por Adolfo Coelho: 1) estudo literário e lingüístico comparativo em textos vazados em algumas línguas com vista à fidelidade de tradução; 2) explicação do

topônimo *Macaco Branco* com auxílio do testemunho de contos populares; 3) transmissão do topos do beijo em diversas literaturas; 4) discussão lingüística de brasileirismos, de expressões populares (*perder as estribeiras, pirolito, paulinas*), ditados populares; 5) explicitação de adivinhas; 6) investigações histórico-literárias (amores de Gonzaga; fontes camonianas); 7) indagações etimológicas (*entrudo*).

Com muita pertinência e exatidão, o verbete relativo a Alberto Faria da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, organizada por Afrânio Coutinho e J. Galante Sousa, assim caracteriza sua produção:

Além de professor de literatura e jornalista, destacou-se como crítico e historiador de cunho erudito (*scholarship*), ao lançar mão dos processos de investigação e análise aplicados à literatura, para a decifração de problemas intrincados de autoria ou datação de obras (...)

Orientou seus estudos para a crítica externa e interna das obras da história literária. Foi uma dos primeiros críticos brasileiros a se preocupar com o estabelecimento dos textos ou da autoria, a descoberta de influências, datas e fontes, e com a análise de formas e temas. Os seus estudos sobre o problema da autoria das *Cartas Chilenas* destacam-se entre os que mais luzes trouxeram à questão.

Arrolar todas essas características de investigação erudita na rubrica folclorista é, no mínimo, passar em branco as páginas reveladoras de *Aérides* e *Acendalhas*. A um especialista sagaz e competente não passou despercebido esse traço de novidade nas *Aérides*; refiro-me outra vez a João Ribeiro:

Um livro de tal espécie é coisa rara entre nós. A crítica documentária, a exegese, as glosas aos textos literários são quase insólitas. (*Ibid.*, p. 29)

O próprio Otoniel Mota, que transformou a resenha às *Aérides* numa peça que aflora ressentimentos pessoais contra

Alberto Faria, não deixa de assinalar a novidade dos temas tratados, embora os vincule ao folclore:

(...) também eu comprei a obra literária anunciada, com o simples intuito de ler, de aprender, por isso que não me dedico ao ramo em que busca especializar-se o seu autor.

De tudo o que se disse até aqui, creio que podemos concluir duas coisas assaz importantes para o nosso estudo: 1) as obras *Aérides* e *Acendalhas* patenteiam a atividade de filólogo – e não apenas de folclorista – de Alberto Faria; 2) Alberto Faria é um filólogo diferente à medida que os temas de suas preocupações diferem muito daqueles temas, que atraem a atenção de seus colegas. Se tivéssemos de apontar um filólogo cujos estudos mais o aproximavam do nosso autor, não teria dúvida em apontar o nome de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em Portugal. No seio da Academia tivemos até bem pouco um filólogo erudito e diferente que apresentou também muitos traços comuns com o autor de *Aérides*: o nosso saudoso Augusto Meyer.

Examinada sua posição como filólogo, vale a pena agora conhecer o homem.

Alberto Faria nasceu no Rio de Janeiro, aos 19 de outubro de 1869 e faleceu na mesma cidade, na ilha de Paquetá, aos 8 de setembro de 1925. Era filho do comerciante português José Lopes Faria e de D. Leocádia Lopes Faria. Transferiu-se cedo a família para São Carlos, cidade do oeste de São Paulo, onde o jovem completou os cursos primário e secundário. Os dotes jornalísticos despontaram-lhe muito cedo, e aos 12 anos redigiu um jornalzinho de nome promissor, *O Arauto*, e aos 14 fundou, na mesma cidade de S. Carlos, o jornal *O Alvorada*, denominações que prenunciavam seus desejos de luta e novos tempos na área da cultura.

Em 1889 transferiu-se para Campinas, naquela época centro paulista de cultura que reunia um grupo de intelectuais do mais alto nível, com uma rede de instrução pública e privada que nada ficava a dever à que se praticava na Capital de São Paulo e no

Rio de Janeiro. Desse ambiente campinense do interior que estimulava as pessoas a aprofundar sua cultura, fala João Ribeiro no artigo que assinala o lançamento das *Aérides*:

É uma linda cidade do oeste de São Paulo, centro de riqueza e de cultura de espírito. Ali, em sossegado remanso, o Centro de Ciência e Letras reúne o escol da sociedade em que são numerosos os intelectuais e os pró-homens da terra. Nada mais agradável ao forasteiro que as horas de hospitalidade ali esquecidas no convívio, em conversação e entretenimento daquela gente primorosa e culta. (Ibid., p. 28)

Em Campinas exerceu o jornalismo; em 1894, fundou *O Dia*, escrevendo ainda para o *Correio de Campinas*, do qual veio a ser diretor no período de 1895 a 1896. Em 1897 lançou a *Cidade de Campinas*, por ele dirigida até 1904 – Ai, entre outras colaborações, inaugurou a seção *Ferros Velhos*, que obteve grande sucesso e a qual assinava com o pseudônimo Adelino. Quatro desses artigos integram os 41 capítulos das *Aérides*, e não todos, como insinua Otoniel Mota.

Nesse ambiente favorável à cultura e à erudição Alberto Faria aprofundou seus conhecimentos da literatura brasileira e portuguesa, bem como das principais literaturas modernas, além das clássicas latina e grega, conhecimento que revela à farta nas *Aérides* e nas *Acendalhas*.

Sua crítica às vezes contundente na análise de produções devidas a intelectuais e escritores consagrados está longe de testemunhar um temperamento áspero e terrível, como às vezes se lê, mas sim, como costumava dizer de si, um severo inquisidor da verdade, às vezes pouco benévolo, mas sempre criteriosamente imparcial, como lembra Othon Costa, num discurso comemorativo da passagem dos dez anos da morte de Alberto Faria, seu patrono na Academia Carioca de Letras.

Ainda no seu rico artigo sobre o autor das *Aérides* João Ribeiro explica tal severidade pelo traço característico da erudição

haveria no silêncio do autodidatismo: Vale a pena recordar essa análise do mestre.

Os espíritos como o de Alberto Faria são invariavelmente autodidatas. Entre as quatro paredes de uma livraria, dela vivem e dela crescem, incorporando toda a substância contígua que lhes vem ao apetite.

A rua, a cidade e o mundo presente entram por muito pouco naquela formação silenciosa. São minguadas réstias que passam pelas frestas, sem outra notícia que a alegria da luz.

Essa modéstia dos eruditos é, todavia, um dos sinais da sua vaidade, porque não há vaidade maior que a dos eruditos.

A vulgaridade de um erro, neles, é um tormento infernal. Apanhados num deslize ou num engano, engenham todas as fraudes para dissimulá-lo. Pelos mesmos motivos, nada lhes é mais agradável que descobrir um erro, desmascarar uma trapaça ou propor uma correção e emenda.

É o vício desse magistério, e vício originado das virtudes principais. [...]

Mas, sem essa vaidade de estudar, pesquisar, catar, esquadriñar, resolver todas as coisas, não teríamos hoje as ciências morais e humanas, que tanto engrandecem a civilização.

É certo que os poetas e escritores são tratados um pouco "in anima vili", para vivisseções cruentas e dolorosas. Os eruditos arrancam-lhes as entranhas, com a indiferença dos arúspices que liam nas vítimas despedaçadas a boa fortuna dos felizes.

Que importa?

Malquistam-se por isso alguns autores, de porte medíocre, dessas violências, ao parecer delas, desnecessárias. A erudição, todavia, é e será sempre o grande alimento das letras. Sem a erudição alexandrina talvez não conhecêssemos ainda hoje os mais saborosos feitos da poesia helênica.

Foi a erudição dos claustros que conservou os monumentos da antiguidade latina, e foi ainda a erudição profana que criou a renascença. Ela é a coluna e o esteio mais sólido de todas as literaturas, a renovadora de todas as épocas do espírito. (Ibid., págs. 29-30).

Em 1901, tendo como ilustres concorrentes a Coelho Neto e Batista Pereira, prestou concurso para professor de literatura do ginásio de Campinas, uma das instituições gloriosas do magistério paulista de outros tempos, e conquistou o primeiro lugar.

Em 1 de maio de 1909 concorreu com Lafayette Rodrigues Pereira e o Barão de Paranapiacaba à vaga deixada por Machado de Assis, do qual pleito resultou a eleição de Lafayette, com 20 votos, tendo nosso filólogo obtido 2 votos e o Barão 1 voto. Se a Casa de Machado de Assis não o recebeu dessa vez, a Academia Paulista de Letras, criada aos 27 de novembro do mesmo ano, fê-lo sócio fundador, tendo Alberto Faria muito trabalhado para a garantia do percurso vitorioso dessa instituição irmã.

A segunda apresentação como candidato à nossa Academia não nasceu da iniciativa de Alberto Faria, segundo informação de João Ribeiro, no artigo já citado e no discurso de recepção de Mário de Alencar. Diz-nos o primeiro:

Alberto Faria é um dos membros mais notáveis da Academia Paulista; e, cremos, apresenta-se agora, candidato à Academia Brasileira, vencido na sua desconversável modéstia, e arastado, por assim dizer, pela insistência de amigos numerosos, que compõem aquela companhia.

Realmente surgira a vaga pelo falecimento do Barão Homem de Melo, eleito aos nove de dezembro de 1916, sucedendo a José Veríssimo; mas, pela morte inesperada, não chegou a ser recebido, embora tenha escrito o discurso de posse. Este acidente levou Alberto Faria, no seu discurso, a não lhe fazer o convencional elogio, por não o considerar acadêmico efetivado pelo rito da posse. O elogio, aliás largo e erudito, foi dirigido a José Veríssimo, fundador da cadeira nº 18, cujo patrono é João Francisco Lisboa e ocupante atual o confrade Arnaldo Niskier.

Alberto Faria concorreu à vaga com Lindolfo Xavier e foi eleito, na sessão de 10 de outubro de 1918, por unanimidade com 21 votos, 17 de acadêmicos presentes e 4 por carta. Cabe aqui corrigir a informação de Fernão Neves (*A Academia Brasileira de Letras – Notas e documentos para a sua história*, 1940, p. 119), que o dá como único concorrente.

Apesar da unanimidade dos votantes, alguns acadêmicos faziam duas restrições formais à candidatura do nosso filólogo, restrições, aliás, trazidas à baila ao de leve no artigo de João Ribeiro e no discurso de recepção de Mário de Alencar: a primeira é de que não tinha até então publicado um livro, e a segunda é de que sua produção tinha um caráter fragmentário. Dos dois defensores do novel acadêmico, o mais contundente continua sendo João Ribeiro, que assim rebate as duas restrições, começando pelo aparente aspecto fragmentário:

Eis aí, as *Aérides*, certamente um dos grandes livros do ano, obra de erudição, de laboriosa pesquisa e de acurado estudo.

É difícil avaliar o formidável montão de minério bruto que foi explorado e utilizado para alcançar aquela mão cheia de ouro. A literatura popular e a literatura culta, o povo e sua alma, as criações anônimas e as dos gênios, o folclore, a história das nossas letras – tudo ali está imanente, na fingida aparência de fragmentos.

Certos livros fragmentários, como as *Aérides*, muito mais que blocos espessos, dizem tudo da unidade invisível, mas segura, do espírito.” (Ibid., p. 28).

Acerca de só ter exibido um livro como candidato, deu João Ribeiro as seguintes informações:

À esparsa produção e fecundidade do erudito que daria para muitos volumes, faltava, todavia, a coordenação usual do livro. A Academia exige esse “quod libet”. Não pensou nunca em fazê-lo; e agora, movido ainda pelo afeto dos amigos, ordenou duas séries de estudos: as *Acendalhas*, que se imprimem na casa Leite Ribeiro, e as *Aérides*, desde já saídas a lume, na casa editora Jacinto Ribeiro dos Santos.

O seu grande trabalho de crítica e história da literatura, ainda inédito, em dois volumes, é o da *Vida e Obras de Gonzaga*, o luso-brasileiro, árcade do século XVIII, vítima da Inconfidência mineira. É uma obra de fôlego, em que se esclarecem as fontes da poesia anacreôntica de Gonzaga, os pontos obscuros de sua vida e a autoria sempre discutida das *Cartas Chilenas*, ora atribuídas a um, ora a outro dos inconfidentes, e talvez atribuídas a vários, senão a todos eles.

Por sua natureza e pelo seu caráter e extensão, análise e crítica da obra de Gonzaga não parecia o livro mais adequado de apresentação imediata a um público descuidoso e infenso, como o nosso, às coisas graves. Entretanto nas *Aérides* há muita coisa leve, graciosa e de fugitiva poesia. (Ibid., p. 32-3).

Talvez essas e outras características e qualidades do novel acadêmico tivessem sido desnecessárias em artigo de jornal, se João Ribeiro fosse o confrade que o recebesse no dia de sua posse, por ser dele oficial do mesmo ofício e de largo convívio. Assim, pensou acertadamente Augusto de Lima, presidente da sessão em que foi eleito Alberto Faria, pois designou João Ribeiro para saudá-lo em nome da Academia. Todavia, por motivos que as atas não explicitam, coube a honra a Mário de Alencar, como dissemos. O mesmo João Ribeiro foi responsável pelo título *Aérides*, nome tão avesso e estranho para denunciar o fazer científico de filólogo, crítico literário ou folclorista. Mas o padrinho nos elucida a razão do título:

Poderia parecer que o nome *Aérides* fosse demasiado florido ou poético para um livro de erudição.

Tive pessoalmente, e por acaso, a responsabilidade daquele batismo. Os autores quase sempre hesitam longamente sobre a escolha de um título. Se o livro é de páginas avulsas e de assuntos vários, a perplexidade mais aumenta. Que fazer?

Em tais casos, a “sorte virgiliana”, a superstição inculpável de um livro aberto ao acaso, pode sugerir a escolha mais expediente e acertada.

Sendo-me deferido o arbítrio, socorri-me da fácil magia virgiliana. E achei que *Aérides* era o nome que mais convinha

a essas páginas. Aérides, dizem dizem os que sabem, são orquídeas, cujas flores abotoam em púrpura e ouro, e vivem do sol e do ar e sem quase nada dos troncos a que se acostam.

Assim me parecem essas páginas, onde os autores e os textos não passam de colunas quase invisíveis da riqueza coríntia dos capitéis floridos.

Como aérides, as páginas de erudição também florescem na púrpura e no ouro da poesia. E depois, o padrinho era pobre; que lhe restava a dar, senão um nome poético? (Ibid., p. 33-4)

Acendalhas, o segundo volume de Alberto Faria publicado em novembro de 1920, guarda a mesma erudição e a mesma distribuição temática, em que os assuntos vêm em geral, mais largamente tratados. Por isso é que os 41 títulos de *Aérides* contrastam com os 14 do novo livro, sem contar com a larguíssima resposta à crítica azeda e, como diz nosso filólogo, repleta de má vontade e de *jalousie de métier* de Otoniel Mota, catedrático de língua portuguesa do Ginásio de Campinas.

Nessas páginas de resposta, Alberto Faria, já que falava de técnico para técnico, deixa patente seu profundo conhecimento lingüístico e literário, dono de uma bibliografia especializada e opulenta de obras antigas e modernas, nacionais e estrangeiras.

Além da alentada *Vida e Obra de Gonzaga*, já aludida no artigo de João Ribeiro, o autor prometia como para breve ou no prelo uma edição crítica das *Cartas Chilenas* e os seguintes títulos: *Palestras*, *Ementário*, *Plêiade Mineira*, *Folclore Brasileiro* e *Anacreônica*. Ficou também em mero projeto um livro de assuntos leves, de parceria com João Ribeiro, intitulado *Coisas Várias*, recolhido de informação exarada na correspondência particular entre ambos pela Prof^a Hilma Ranauro, da Academia Brasileira de Filologia. Por informação dessa mesma pesquisadora, a Fundação Casa de Rui Barbosa guarda um dos mais extensos arquivos de correspondência passiva para Alberto Faria, onde há muito que joeirar da atividade e projetos desse fecundo

humanista, bem como um repositório documental da vida cultural e intelectual do Brasil nesse período.

Entre as grandes contribuições de Alberto Faria, ao lado das eruditas pesquisas de Afonso Arinos de Melo Franco, pai do nosso confrade Affonso Arinos Filho, citem-se aquelas que dizem respeito à vida e obra de Gonzaga, à autoria das *Cartas Chilenas*, à elucidação dos criptônimos nas *Cartas Chilenas*, à pesquisa da fraseologia de tropos na famosa sátira de Gonzaga. Tudo trabalho de um filólogo apetrechado para distinguir na bruta mina a falsidade da ganga impura.

Folheando o trabalho exaustivo e definitivo do filólogo português Manuel Rodrigues Lapa *As Cartas Chilenas: um problema histórico e filológico* (Rio de Janeiro, 1958), bem como sua edição das *Poesias e Cartas Chilenas* (Rio de Janeiro, 1957), podemos aquilatar a contribuição do Alberto Faria na correção de alguns versos, na fixação semântica de algumas palavras empregadas pelo vate luso-brasileiro e por várias identificações de personagens e alusões históricas, espreiadas nas *Aérides* e nas *Acendalhas*, depois de 40 anos, espaço de tempo que não passa incólume à investigação científica.

Por todos estes motivos, a Academia Brasileira de Letras deve orgulhar-se do seu filólogo Alberto Faria, e a maior honraria acredito, que lhe seja prestada – e deixo aqui a proposta no final desta pálida palestra – é oferecer ao público estudioso a reedição de *Aérides* e *Acendalhas*, tão esquecidas, e trazer à luz seus esparsos e inéditos.

Nota do Editor: Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras no Cíelo *Os Estudos Filológicos na ABL* em 13 de abril de 2004.